

Iago Vinícius Avelar Souza

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

**Contato:**

<iago.avelar@gmail.com>

**Palavras-chave:**

Pesca Artesanal. Moçambique; Nacala-a-Velha; Corredor de Nacala; Porto da CLN.

**Keywords:** Artisanal Fishing; Mozambique; Nacala-a-Velha; Nacala Corridor; Port of CLN.

1 Realizada no contexto do Programa ProMobilidade CAPES/AULP em parceria entre a UFMG (Brasil) e a Universidade do Lúrio (Moçambique), a pesquisa maior, intitulada "A Vale em Moçambique: mapeando controvérsias sociotécnicas em África e alhures" e coordenada por Eduardo Vargas, professor do PP-GAN e coordenador do LACS (UFMG) tem estudado as transformações recentes (última década) verificadas em Moçambique, principalmente no norte, com a entrada de multinacionais e a realização de megaprojetos. O foco da pesquisa é o Corredor de Nacala, misto de corredor logístico e projeto de desenvolvimento que se tornou a principal rota de transporte do carvão mineral explorado pela Vale em Moatize, na província de Tete, até o porto de Nacala-a-Velha, na província de Nampula. Veja, entre outros, Martins, Assunção e Oliveira (2016) e Souza e Muijts Outrxs (2017).

# MATAR O PEIXE:

## NOTAS SOBRE A PESCA ARTESANAL E A EXPLORAÇÃO MINERAL NO NORTE DE MOÇAMBIQUE

**RESUMO:** Este artigo, de cunho etnográfico, apresenta questões que surgiram a partir de um trabalho de campo realizado no distrito de Nacala-a-Velha, província de Nampula no norte de Moçambique. Seus objetivos são discutir, inicialmente, a pesca artesanal como um modo de vida local que conjuga várias esferas sociais, desde a educação da criança até o sustento da família, e, em seguida, como esta prática se encontra hoje frente à instalação, construção e operação do Porto da CLN usado para escoar o carvão mineral extraído em Moatize e que ali chega através do Corredor de Nacala.

**ABSTRACT:** This ethnographic article presents some questions related to a fieldwork done in the district of Nacala-a-Velha, Nampula's province in the north of Mozambique. The main goals here are to debate, initially, the artisanal fishing as a way of local life which conjugates different social spheres, from kindergarten to family support and, thus, thinking how this practice today is facing and dealing with the installation, construction and operation of the CLN harbor, used to outflow the coal extracted in Moatize that arrives there through the Nacala Corridor.

### INTRODUÇÃO

Parte de uma pesquisa mais ampla que investiga as controvérsias sociotécnicas (LATOURET, 2012) envolvidas na implantação do Corredor de Nacala<sup>1</sup>, o presente artigo é fruto de um trabalho de campo de quatro meses realizado no norte de Moçambique. Com foco em Nacala-a-Velha<sup>2</sup>, este trabalho busca contribuir para que compreendamos melhor o que se passa atualmente em uma das pontas do Corredor. Nacala-a-Velha é um pequeno distrito costeiro da província de Nampula que hoje abriga um dos maiores investimentos da Vale, o porto de Nacala-a-Velha, ou porto da Vale ou porto da CLN, construído para escoar o carvão mineral extraído em Moatize. Nacala-a-Velha sempre dependeu de suas saídas para o mar, mas a recente instalação desses megaprojetos tem colocado a pesca, uma das principais atividades de subsistência local, em grande risco.

A intenção é trazer contribuições para introduzir a prática pesqueira em Nacala-a-Velha em um debate muito maior, mais recente na antropologia e que a partir das premissas da Antropologia da Vida proposta por Tim Ingold (2000), autores como Almeida Filho (2019) e Sautchuk (2015) propõem discutir as técnicas pesqueiras por meio de uma complexa simetria entre todos os seres humanos e não humanos que habitam o mundo. Para Ingold (2000), as técnicas são um processo que conjuga teoria e prática e dependem intrinsecamente das relações com o meio. O argumento do autor é que tanto a produção de conhecimento quanto sua transmissão são processos indissociáveis das relações dos sujeitos com o mundo e suas ações. Segundo Almeida Filho (2019) e Sautchuk (2015), o mesmo se aplica às técnicas pesqueiras, visto que, na pesca, os pescadores e seus equipamentos são constantemente modificados pelas condições de trabalho em que se encontram. Em Nacala-a-Velha a recente construção do porto vem modificando essa atividade, as paisagens e as dinâmicas locais, causando alterações nas formas de vida da região. Diante disso, meu interesse é tentar compreender como as relações entre pescadores-equipamentos-peixes, interpelados por essas mudanças no ambiente, criam suas formas de vida.

Nesse sentido, este artigo trata da pesca artesanal e do escoamento do carvão mineral em Nacala-a-Velha. A expressão que resume esse objetivo é "matar o peixe". Matar o peixe é a expressão comumente usada pelos pescadores para dizer que estão indo pescar ou que pescaram – de maneira geral, é usada para se referir à prática pesqueira. Mas matar o peixe é, também, e literalmente, o que a construção do novo porto e o escoamento de carvão está fazendo na baía de Nacala, seja provocando a destruição de áreas de mangues, seja espalhando poluição de carvão mineral. É partindo desses dois sentidos dessa expressão que pretendo discutir a situação da pesca em Nacala-a-Velha e ela como prática e suas relações (ALMEIDA FILHO, 2019; SAUTCHUK, 2015) bem como essa como modo de vida modificado pelos impactos provocados pela mineração.

### UM LUGAR ESQUECIDO NO MUNDO

Nacala-a-Velha é um distrito da zona litoral da província de Nampula localizado no norte de Moçambique. Faz fronteira ao norte com Memba, ao sul com Monapo, a leste com Nacaróia e a oeste com o Oceano Índico, mais precisamente com a baía de Nacala ou baía de Bengo. Segundo o INE (2017) possui uma população estimada em 241.536 habitantes, sendo 125.040 mulheres e 116.496 homens distribuídos em dois postos administrativos: Vila Sede de Nacala-a-Velha e Cidade de Nacala.

Figura 1 – Mapa de Nacala-a-Velha.



Fonte: PESOD (2016, p. 12).

As bases das atividades econômicas têm sido a agricultura e a pesca (PESOD, 2016). A agricultura

é familiar e concentra-se no milho, na mandioca, no feijão e no amendoim. A pesca praticada é artesanal em suas diversas modalidades, concentrando-se principalmente na com rede de arrasto manual e na de linha com canoa. É importante destacar que entendo como pesca artesanal o mesmo conceito proposto por Diegues (1983) e Almeida Filho (2019) em seus contextos de pesquisa. Como proposto pelos autores em suas etnografias, em Nacala-a-Velha os pescadores também são parentes ou vizinhos, alguns são donos dos meios de produção e outros não, as técnicas empregadas utilizam equipamentos relativamente simples e a produtividade é baixa.

A maioria da população vive na Sede do Distrito e foi onde convivi por mais tempo com os pescadores. A maior parte das construções é de *matope* (caniço, madeira e barro, com cobertura de capim), similares ao que no Brasil se chama pau-a-pique, salvo algumas mais recentes como a escola, a casa do administrador, os bancos e os postos de administração distrital, que são de alvenaria e blocos.

A religião predominante é a muçulmana e a língua falada majoritariamente é o Emakhuwa, mas eventualmente é possível encontrar falantes de português, sendo estes cada vez mais raros à medida em que se afasta da Vila Sede. O Emakhuwa falado é popularmente conhecido como Emakhuwa do Litoral e contém uma série de palavras absorvidas do português, o que em muitos momentos facilitou a interação. Os números, por exemplo. É comum ver falantes de Emakhuwa pronunciá-los em português, principalmente durante uma negociação. A língua foi sem dúvida a maior dificuldade encontrada em campo e, por esse motivo, fui privado de diversas interações. Por sorte, entre os pescadores encontrei bons falantes de português e aprendi algumas palavras em Emakhuwa, principalmente aquelas ligadas à atividade pesqueira<sup>3</sup>.

O nome originário do distrito é Mingury, que também é o de uma planta local em Emakhuwa (CARDOSO, 2015). Mingury era um dos postos mais antigos da região. Como conta o Sr. Saíde Ali, régulo<sup>4</sup> da Vila Sede, o nome Nacala surgiu de um questionamento da maioria dos habitantes que, devido à grande quantidade de animais perigosos que viviam ali, se perguntavam: será possível viver aqui? Viver ou ficar em Emakhuwa se diz *N'nakhala*. Na dificuldade dos portugueses de entenderem e pronunciarem, surgiu o termo Nacala<sup>5</sup>.

Quando eles chegaram a região ela já era ocupada, havia ali um entreposto comercial e um pequeno porto pesqueiro. Os portugueses nunca tiveram interesse em permanecer no local e, durante muito tempo, mantiveram o domínio da região por meio de uma política conhecida como imposto da palhota (CARDOSO, 2015). As famílias eram obrigadas a pagar um imposto em dinheiro e, como a maior parte delas não estava habituada a trocas monetárias, contraíam dívida com a metrópole e eram obrigadas a trabalhos forçados, muitas vezes no cultivo de produtos de alto rendimento (CAPELA, 1977).

Com a descoberta das águas profundas de Nacala em meados do século passado, o governo colonial construiu do outro lado da baía um porto de carga. Em busca de novas oportunidades, muitas famílias saíram de lá para viverem próximas ao porto, dando

vida a um novo distrito. Assim surgiu Nacala Porto, que cresceu e ficou muito maior que o primeiro, que passou a ser conhecida como Nacala-a-Velha. Em Nacala Porto se concentrou o centro da atividade econômica, social e política da baía, enquanto aquela permaneceu praticamente abandonada.

Depois da independência de Moçambique em 1975 a região de Nacala-a-Velha ainda foi devastada pela guerra dos 16 anos (GEFFRAY, 1991). A Renamo mantinha o controle na região e durante esse período aconteceram vários conflitos armados, sequestros e saques. O distrito só se recuperou com o fim do conflito em 1992 (CARDOSO, 2015).

Em 2009, com o início da construção de um novo porto e a criação da zona econômica especial de Nacala, o distrito recebeu muitas pessoas e investimentos. A população de Nacala-a-Velha, segundo o censo de 2013, era de aproximadamente 120 mil pessoas. Esse número dobrou em menos de 5 anos, mas isso não durou muito tempo. O grande boom de Nacala-a-Velha durou cerca de três anos e coincidiu com a fase final de implementação do projeto, de 2012 até 2015. Hoje, o distrito parece viver uma espécie de "ressaca" desse momento.

Na época de implementação do porto muitas pessoas se mudaram para Nacala-a-Velha em busca de oportunidades. Com o início da operação em 2015, a saída das empresas terceirizadas gerou uma onda de desemprego gigante. Nacala-a-Velha ficou sem condições de consumir todo o investimento que a crença na chegada do desenvolvimento produziu. Muitos estabelecimentos construídos para absorver esse "boom" agora estão falindo; hotéis, restaurantes, bares, quase todos estão fechados. Sem esperanças de mudanças, grande parte ainda aposta na atividade que sempre assegurou a subsistência das famílias na região: a atividade pesqueira.

## A PESCA EM NACALA-A-VELHA

Moçambique historicamente sempre se apoiou nas suas saídas para o mar. Seja na pesca para o autossustento, seja no escoamento das produções dos países ao seu entorno, os seus portos são atores fundamentais e desde o início estiveram presentes em sua história (FREI, 2017). A pesca é uma das atividades mais praticadas e, devido à grande extensão do litoral moçambicano, ela tem proporcionado durante anos a segurança alimentar de muitas famílias (HOGUANE, 2007).

O peixe compõe a maior parte da alimentação da região costeira, principalmente no norte do país. Em Nacala-a-Velha não seria diferente. Um dos pratos mais característicos desta região, a *caracata* (ou *xima* de mandioca) com peixe *tocossado* (peixe cozido com manga seca) acabou sendo minha principal refeição durante o tempo em que convivi com os pescadores.

Enquanto o trabalho de plantio nas machambas<sup>6</sup> fica predominantemente por conta das mulheres, o trabalho da pesca é quase que exclusivamente masculino. Essa relação assimétrica entre os gêneros também é descrita por Almeida Filho (2019), Conceição (2006), Muhamad (2014) e Sautchuk (2015) em seus respectivos contextos de pesquisa. Todo o universo que envolve a atividade é extremamen-

2 Sair do país pela primeira vez e morar por quatro meses em um lugar onde não conhecia ninguém, não foi uma tarefa fácil. Ainda mais em Nacala-a-Velha, onde a maior parte da população não é falante de português e o distrito tem problemas graves de acesso à água, saneamento e energia elétrica; tornando-o completamente dependente de Nacala-Porto em termos de produtos e infraestrutura. Diante disso, fixei moradia em Nacala-Porto, distrito irmão de Nacala-a-Velha localizado do outro lado da baía. Durante a maior parte do campo, saía de Nacala-Porto por volta das 4h e seguia de chapa (meio de transporte local) até Nacala-a-Velha, onde acompanhava o trabalho da pesca e permanecia durante o dia. Dormir em Nacala-Porto limitou meu contato com os pescadores e por muito tempo dificultou a criação de confiança. A situação só mudou depois que passei a dormir na casa deles. Durante o campo também contrai Malária, por duas vezes, e apesar de não serem graves, perdi alguns dias em função do repouso. Contudo, apesar de todos os problemas, muitas pessoas me acolheram e tornaram isso possível. Agradeço à Eduardo Vargas, Cassimus, Miro, Lili, Idé, Carlito, Zefanias, Amade, Assane, Nando, Abdala, Ussene, Momade, Amide, Ossufo, Saide, Mestre Julila e tantos outros que diretamente ou indiretamente contribuíram durante minha estadia nes-

te maravilhoso país. Agradeço também a todos aqueles que por diversos motivos, pediram para que não tivessem seus nomes citados no corpo do texto.

**3** Mesmo me comunicando com os pescadores usando algumas palavras Emakhuwa, o que aprendi foi por meio da tradição oral e, mesmo sabendo a pronúncia de diversas palavras, não aprendi como escrevê-las e, portanto, mantive a maioria escrita em português.

**4** Termo masculino atribuído ao líder tradicional.

**5** Durante o campo, outra história sobre o possível surgimento do nome de Nacala apareceu. Supostamente teria se originado do termo *Ekhalá*, que quer dizer caranguejo em Emakhuwa. Porém essa versão é contestada tanto por Cardoso (2015) quanto por Saïde Ali. O régulo chegou a dizer que essa versão é recente e vem sendo contada por pessoas que não conhecem a história.

**6** Machambas são áreas de cultivo familiar similares ao que no Brasil chamamos de roças.

te masculinizado, até as músicas cantadas durante os trabalhos braçais envolvem a exaltação da força e virilidade masculinas. Escutei diversas vezes em campo que a pesca não é uma atividade para mulheres e é muito difícil encontrá-las na praia durante o trabalho.

Como observado por Almeida Filho (2019) em Caiçara do Norte e por Sautchuk (2015) na Vila Suncuriju, a atividade é um importante mecanismo social e também envolve a educação das crianças. Em Nacala-a-Velha, essa se inicia nos primeiros anos de vida. Mesmo antes de começarem propriamente a pescar, elas já estão inseridas nos circuitos da pesca e, enquanto crescem, fortalecem suas relações com o mundo a sua volta. Os meninos começam brincando na água e conhecendo a praia; com o tempo, passam a ajudar seus familiares a separar o pescado, a desenrolar e enrolar as redes de pesca, até estarem aptos a subir na canoa ou no barco para pescar.

Como a pesca também depende das condições físico-geográficas, a partir das relações com o ambiente, os pescadores desenvolvem diferentes formas de prever e observar o clima (CONCEIÇÃO, 2006; SAUTCHUK, 2015). Em Nacala-a-Velha eles marcam as estações a partir do florescimento das plantas na praia, assim como os níveis de pluviosidade. Eles aprendem sobre a geografia marítima mergulhando no mar e pelo que chega na praia com a maré.

Os tipos de pesca artesanal praticados na região são a pesca com rede de arrasto manual, com linha e canoa, com vara de caniço, com armadilhas, de marisco e a de caranguejo – sendo as terceiras mencionadas primeiro as mais praticadas. As duas últimas são as únicas modalidades praticadas pelas mulheres, que utilizam as mãos, um balde e um pedaço de madeira. A viabilidade desses tipos de pesca depende quase que exclusivamente da maré, sendo realizadas apenas em algumas fases do ano, quando a maré está baixa. Em muitos casos, esse é o primeiro contato das crianças com a pesca, apesar de alguns pescadores não considerarem essas modalidades propriamente como uma – primeiro por não matarem peixe e, segundo, por serem realizadas por mulheres.

A pesca com vara de caniço é uma opção para os pescadores sem canoa. Como não conseguem ir muito longe da praia, é preciso encontrar um bom lugar para jogar o anzol. A com armadilhas exige um nível de especialização muito alto na confecção das ferramentas. A principal matéria-prima utilizada é o caniço e, apesar de ter conhecido algumas armadilhas, não tive contato direto com esse tipo de pesca.

A pesca de linha com canoa é a opção da maior parte dos pescadores. Para pescar utilizam uma canoa, um remo, um rolo de linha, um anzol e iscas. Contudo, a maioria das canoas utilizadas é para uma pessoa, o que dificultou muito acompanhar essa técnica. Durante o campo, acabei me concentrando na pesca de arrasto artesanal, que foi a que tive maior oportunidade de acompanhar e, por esse motivo, é a que mais pratiquei e sobre a qual se concentra a maior parte dos meus dados. Portanto, é a partir dela que pretendo abordar as relações pesqueiras em Nacala-a-Velha.

## TECENDO AS REDES DE PESCA

Meu contato inicial com os pescadores foi por intermédio da Associação dos Pescadores de Nacala-a-Velha. Ussene Buana, presidente da associação, foi quem proporcionou minha primeira experiência. Neste dia, pescamos em Nachiropa. Ele me buscou no centro do distrito, mas quando chegamos à praia estava muito tarde e quase todas as embarcações haviam terminado de pescar. Por sorte, consegui sair em um barco que estava no processo final da pesca: voltar ao mar e recolher a rede para dentro do barco.

No primeiro dia descobri que recolher a rede era a parte mais pesada de todo o trabalho: exigia muita força e equilíbrio, sendo necessário um esforço físico muito grande. Mal comecei a puxar e meus braços e pernas já estavam tremendo. Perdi completamente o equilíbrio e caí diversas vezes, levantando em meio às gargalhadas dos pescadores.

Depois desse dia, apesar de manter contato constante com Ussene, só saímos para pescar mais uma vez. A praia em Nachiropa era bem longe do centro da Vila e, como não havia transporte, era muito difícil chegar até ali. Passei a pescar com Abdala Zawileo (vice-presidente da associação), mas, nas primeiras vezes, não me deixavam acompanhar todo o processo da pesca, apenas a parte final de matar o peixe. Dentro do barco, antes e depois de recolher a rede, a única tarefa que cabia a mim era retirar a água que entrava pelas frestas das madeiras com um balde, tarefa normalmente atribuída às crianças ou aos pescadores menos experientes.

Só tive a oportunidade de acompanhar todo o processo da pesca depois de mais de 2 meses em campo. Antes disso, os pescadores não conseguiam me imaginar vivendo entre eles, realizando as mesmas tarefas, comendo a mesma comida. Nas primeiras vezes, assim que terminavam o trabalho dividiam o pescado entre eles, se despediam de mim e iam embora. A relação só mudou depois que Abdala, descrente que eu comeria *caracata* com feijão, me convidou para almoçar em sua casa. Depois desse dia, fui convidado várias vezes e permanecia por mais tempo em Nacala-a-Velha. Não saí para pescar muitas vezes com Abdala, pois sua embarcação estragou e ficou parada por algumas semanas. Foi então que conheci outros pescadores que não faziam parte da associação, Assane Mohugue e Nando Jamal, e foi com eles que acompanhei as outras etapas da pesca de arrasto.

Foi com Nando que realmente me senti incluído efetivamente no trabalho da pesca. Nesse momento, eu já tinha uma boa noção da prática e conseguia me equilibrar dentro do barco sem maiores problemas. Nando fazia questão que eu realizasse todas as etapas que compunham a pesca de arrasto: soltar, arrastar e recolher a rede. Acompanhei sua embarcação durante todo o trabalho e a cada dia realizava uma atividade diferente. Pescamos algumas vezes na Ponte, em Napazo, em Napela, e uma vez do outro lado da Baía, em Nacala Porto.

Apesar de diferenças, como o engajamento precoce, o processo de transmissão das técnicas pesqueiras em Nacala-a-Velha tem semelhanças ao descrito por Sautchuk (2015) sobre os pescadores

costeiros no litoral do Amapá: os pescadores iniciantes não dependem diretamente de um único tutor, o aprendizado se dá por meio da prática e da relação cruzada com os outros pescadores, os equipamentos, o barco, o mar e os peixes. O desenvolvimento das habilidades não depende apenas de observar e absorver o conhecimento de forma passiva, mas sim de “ser ativo a bordo”, e é necessário ter disposição para compor as dinâmicas dentro do barco. Para aprenderem, os pescadores precisam estar atentos a tudo que acontece à sua volta (INGOLD, 2000).

Durante a atividade, a divisão do trabalho é muito bem definida. Enquanto estávamos na areia puxando a rede, todos trabalhavam juntos desempenhando as mesmas atividades, mas quando estávamos dentro do barco, o trabalho se dividia em diferentes funções, cada uma com um nome diferente.

O pescador que guia a embarcação é chamado de capitão. Ele normalmente fica na popa, sentado ou em pé, com uma vara de bambu na mão para guiar na parte rasa da praia. Cada barco tem apenas um e ele é quem coordena o trabalho. Na maioria dos casos esse é tão orgânico e bem organizado que o capitão nem precisa se dirigir aos outros pescadores. Além do capitão, cada barco tem dois ou três mergulhadores. Eles são responsáveis por encontrar e controlar os peixes. Para isso, mergulham no mar usando apenas uma viseira de vidro para enxergar embaixo da água. O controle dos peixes depende intrinsecamente da relação entre o mergulhador, sua viseira, o mar e os peixes. Com o auxílio da lente utilizam o próprio corpo para cercar o cardume e guiar os peixes em direção ao arrasto. Às vezes, é preciso permanecer muito tempo na água para impedir que escapem. Os outros pescadores, por sua vez, dividem as atividades restantes, como recolher cordas, amarrar e tirar a água do barco, mas suas principais funções são remar, puxar a rede no arrasto e recolher a rede. Eles realizam os trabalhos mais pesados da atividade pesqueira e são chamados de trabalhadores.

Saiamos bem cedo, por volta das 5h da manhã. Nando já deixava o barco com a rede preparada na praia escolhida. O local de pesca era normalmente definido no dia anterior e a decisão cabia ao mais experiente dos mergulhadores, devido ao maior conhecimento sobre a geografia marítima e o movimento dos peixes. Depois de amarrar a corda da rede na praia, seguíamos para o mar para soltar a rede. Na medida em que nos afastávamos da praia, Nando soltava a rede na água formando um arco, enquanto os outros remavam cantando canções em Emakhuwa. Nas primeiras vezes fui sentado ao lado de Nando na popa, mas cheguei a remar nos dias em que faltavam trabalhadores. Costuma ser o capitão quem solta a rede na água e Nando era mergulhador e capitão em sua embarcação.

**Figura 2** – Nando e sua embarcação.



**Foto:** Iago Souza.

Depois que a rede já estava na água, voltávamos à praia para arrastar. Costumávamos ser oito ou dez pessoas e nos dividíamos em dois grupos para arrastar a rede. Para isso usamos uma espécie de cinta que se prende na corda com um laço e um pequeno pedaço de madeira para impedir que o nó corra. Chamamos essas cintas de barbatanas. Com elas presas na corda, usamos a força do corpo e as pernas para arrastar a rede, dando três ou quatro passos para trás e parando por dois ou três segundos, para que a rede se movimente na água. Quando não é mais possível andar para trás ou a corda já está muito longe do mar, o último solta a barbatana da corda e prende-a novamente em um lugar bem à frente, passando a ser o primeiro e assim sucessivamente. Essa era a parte mais longa do trabalho e demorava de três a cinco horas, a depender do tamanho da rede, da distância da praia, da maré e da quantidade de pescadores. Para controlar a distância da rede, usamos como referência as boias amarradas na corda. Quando estava com Nando, aproveitávamos esse momento para conversar sobre a pesca e outros assuntos. Segundo ele, eu não podia ir embora sem entender o que as pessoas falavam comigo e por diversas vezes traduzia o que os outros pescadores queriam me dizer.

**Figura 3** – Ossufo e Momade no arrasto.

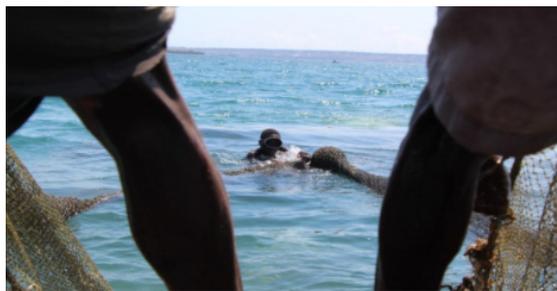


**Foto:** Iago Souza.

Quando a rede chegava a uma distância suficiente para cercar os peixes voltávamos ao barco para a última parte do trabalho: recolher a rede ou, como dizem os pescadores, o momento de matar o peixe. Nessa etapa, os mergulhadores entram na água para impedir que escapem e os trabalhadores vão recolhendo a rede. Já havia acompanhado todos os trabalhos dentro do barco e, no meu último dia de pesca em Nacala-a-Velha, Nando me levou para acompanhar os mergulhadores. Ele ia nadando na frente e eu o seguia, levando comigo uma das boias. Nadamos até atrás da rede e ele me mostrou como enrolá-la na boia. Enquanto eu a usava para enrolar a rede e diminuir o esforço dos outros dentro do barco, Nando estava na parte de dentro dela, con-

trolando o movimento dos peixes. Ele usava a lente para enxergar o seu movimento embaixo da água e voltava para sinalizar com a mão aos outros pescadores como deviam recolher.

**Figura 4** – Assane na água enrolando a rede.



**Foto:** Iago Souza.

A prática pesqueira envolve muitas pessoas, coisas e animais nas mais diversas atividades e as redes em Nacala-a-Velha parecem formar um grande circuito de relações (INGOLD, 2000; ALMEIDA FILHO, 2019; SAUTCHUK, 2015). O trabalho começa cedo com os pescadores de arrasto, por volta das 4 horas da manhã. As canoas só saem por volta das 10 horas, quando as primeiras embarcações terminam de pescar. Antes de chegar à praia, a embarcação é cercada por diversas canoas, primeiro pelos pescadores de linha e depois pelos negociantes. Para pescar, os pescadores de linha precisam de iscas e as encontram nas redes da pesca de arrasto. Os negociantes, por sua vez, aguardam com as bacias para comprarem os peixes pescados na hora, direto dos pescadores, e venderem no mercado para outros comerciantes. Existe uma profunda relação entre eles e a maioria dos pescadores transita entre pescador de linha, de arrasto e negociante ao longo de sua vida.

Na maioria das vezes os pescadores nem precisam descer do barco para vender os peixes. Dividem entre eles uma porção suficiente para a alimentação do dia e o restante, quando existe, vendem e dividem o dinheiro. Quando passei a acompanhar todo o trabalho, conquistei o direito de receber minha parte na divisão do pescado, que sempre levava para contribuir onde fosse almoçar.

Como os que trabalham nos barcos não tem nenhum gasto inicial, eles dividem dois terços ou metade de toda a pesca entre eles porque a outra parte é sempre do patrão. Esse, por sua vez, como dono da embarcação, tem por obrigação mantê-la em funcionamento e arcar com todos os gastos referentes a ela. A maioria deles também são pescadores, como é o caso de Nando e Assane, mas existem também aqueles que já foram pescadores e, agora, aguardam na praia para receber sua parte do pescado.

Os pequenos reparos são feitos pelos próprios pescadores, usando madeira e algodão. No entanto, para os problemas mais graves, é preciso um carpinteiro naval. As embarcações são construídas manualmente por esses carpinteiros, com base em recursos locais. As madeiras e outros materiais são comprados pelos próprios pescadores e o carpinteiro cobra pelo serviço de construção. As ferramentas utilizadas são facão e enxó e os insumos básicos

são pregos e madeira. Para tornar a madeira maleável, aplicam uma camada de óleo queimado e a deixam perto de uma fogueira, por horas. Aos poucos, vão torcendo a madeira até que ela assumo o formato desejado. Esse processo pode demorar vários dias e, como precisam esperar, aproveitam para trabalhar em mais de um barco ao mesmo tempo. Uma embarcação demora em média de dois a três meses para ficar pronta. Apesar de existirem barcos maiores, a maioria deles comporta entre 12 e 16 pescadores.

Atualmente, em Nacala-A-Velha existem apenas dois carpinteiros e, graças a Assane, conheci um deles. Os carpinteiros navais são tratados popularmente pelo título de Mestre. Mestre Julula, natural de Nacala-a-Velha, aprendeu o ofício de carpinteiro naval com o Mestre Abagar na Ilha de Moçambique, e hoje tem seus aprendizes. Além disso, grande parte das embarcações da Vila Sede foi construída por ele.

**Figura 5** – Embarcação em construção por Mestre Julula.



**Foto:** Iago Souza.

Os peixes pescados durante a pesca de arrasto são peixe-agulha, peixe-serra, peixe-pedra e, principalmente, carapau e anchovetas<sup>7</sup>. Eventualmente, pegávamos outros peixes que não possuem nomes em português, algumas lulas e caranguejos. Na maioria das vezes, pegávamos apenas anchovetas e alguns carapaus. Apenas uma vez pegamos peixes-pedra.

Ao longo de minha estadia em campo, os pescadores reclamavam muito dos fracos resultados da pesca e atribuíam a responsabilidade da situação à construção e ao funcionamento do novo porto. Nas palavras de Assane, como transcreve Mohugue (2017, online):

*“Antes costumava pescar ali mesmo [local de construção do porto]. Tem muitos peixes ali. Por exemplo, katana, ali era a casa dele. Katana, aquele que chamam de peixe-pedra, ele vive ali. Tem muitos peixes ali, peixe-pedra, peixe-serra, carapau, todos os peixes tá lá mesmo em Namurraxi. Lá é melhor lugar até agora. Tem muitos peixes lá, mas CLN disse: aqui não, já comprei com Presidente de Moçambique, agora é nosso lugar. Não tem mais nada aqui, vamo lá sair. Nós saímos. Tem muitos peixes lá, qualquer tipo de peixe, carapau grande, todos davam a cara. Lá era um bom lugar. Por exemplo, carapau que estava lá, era muito, katana que estava lá, era muito. Depois que saímos de lá, está mal. Pode-se pescar aqui [na Ponte] e não apa-*

**7** Em Emakhuwa, todos esses peixes ainda tinham outras subdivisões e classificações próprias a depender de suas características físicas (cor, tamanho dos olhos, formato das nadadeiras, etc.) ou comportamentais (profundidade, locais de reprodução, etc) (MOHUGUE, 2017).

*nhar nem uma bacia de Nikuzi [anchovetas], quando pescava lá podia apanhar muitos peixes. Mas a CLN disse não, vocês não podem pescar aqui, não tem como, tem que deixar só. Nós deixamos”.*

Hoje a baía de Bengo quase não tem mais peixe e, a cada dia, os pescadores têm mais dificuldades de se manterem. A construção e operação do novo porto, além de matar os peixes, vêm modificando a vida das famílias no distrito. Para entender o que acontece atualmente em Nacala-a-Velha e suas consequências nos modos de vida local é preciso primeiro entender o que leva uma multinacional gigante como a Vale a empreender um megaprojeto, um dos maiores de sua história, avaliado em mais de um bilhão de dólares, em um pequeno distrito no norte de Moçambique (SOUZA & MUITXS OUTRXS, 2017).

## A ENTRADA DA VALE EM MOÇAMBIQUE

A Vale começou a operar em Moçambique em 2004 no que viria a se tornar o maior investimento da empresa fora do Brasil. A Bacia de Carvão Mineral de Moatize é uma das maiores do mundo, cujas reservas são estimadas em mais de 2,5 bilhões de toneladas de carvão. A produção média estimada era de 11 milhões de toneladas por ano, mas com a construção da linha férrea e do novo porto já alcançou os 18 milhões de toneladas por ano (SOUZA & MUITXS OUTRXS, 2017). De lá para cá centenas de famílias foram removidas de suas casas, muitas delas para encontrar condições de vida muito piores do que aquelas em que antes se encontravam. Outras tantas perderam ou tiveram uma piora nas condições de trabalho e subsistência (FREI, 2017).

Em 2009 os olhares do mundo se voltaram para Nacala-a-Velha com o início da construção do Porto (Vale-Moçambique) e com a transformação da antiga linha férrea colonial em corredor logístico para ligar o novo porto de Nacala-a-Velha até a Mina de Moatize. Algumas empreiteiras brasileiras (OAS, Odebrecht) e chinesas (Chec) trabalharam na construção desse porto e das infraestruturas para viabilizar seu funcionamento (INÁCIO, 2017).

O projeto inicial da Vale utilizava o porto da Beira por meio do Corredor de Sena para o escoamento da produção do carvão, mas, com o tempo, se tornou um porto pequeno diante do montante de carvão extraído. Além disso, a Vale tinha a concessão de apenas uma parte do porto e esse foi um dos fatores que a levou a investir na recuperação e ampliação do Corredor de Nacala (SOUZA & MUITXS OUTRXS, 2017). A intenção era usar estrategicamente as águas profundas para atracar seus estaleiros gíantes.

Segundo Saíde Ali, até 2012 a Vale-Moçambique fazia diversas reuniões com as famílias atingidas e com os pescadores. No entanto, com a demora e o não cumprimento das promessas, a relação começou a se desgastar. Em 2013 a Vale-Moçambique fez um novo acordo com o governo moçambicano e criaram a CLN (Corredor Logístico Integrado de Nacala), sendo 80% Vale e 20% CFM (Caminhos de Ferro de Moçambique), que assume a operação do Porto. Em 2015 a CLN contrata uma empresa holandesa chamada SNV (Organização Holandesa

para o Desenvolvimento) para gerir os projetos de mitigação dos impactos da instalação e operação do Porto. Essa empregou apenas *vientes*<sup>8</sup>, principalmente de Maputo, para trabalhar em projetos de atividades alternativas à pesca. Segundo os pescadores (VARGAS & SOUZA, 2019a), eles prometeram vários investimentos, como infraestrutura para criação de peixes em tanques, cursos de piscicultura, novas redes e motores para que pudessem pescar em lugares mais distantes, mas nenhuma das propostas chegou a ser implementada. A CLN também prometeu empregar pelo menos duas mil pessoas locais, mas, segundo os moradores, nem trinta pessoas de Nacala-a-Velha trabalha lá.

A construção do porto foi em Namurraxi, principal local de pesca da Vila e, segundo os pescadores, melhor local de pesca na região (MOHUGUE, 2017). A construção, ainda, fechou todos os caminhos de circulação usados pelos moradores, que ligavam Napazo a Nachiropa (INÁCIO, 2017). Agora, o único caminho do centro da Vila até Nachiropa é pela estrada que vai ao distrito de Memba, aumentando o percurso em mais de 3h.

Segundo o relatório da Synergia Socioambiental (2016), empresa que prestou o serviço de avaliação de impacto para a CLN<sup>9</sup>, em Nacala-a-Velha só havia cem pescadores em 2015. Além disso, sustentam que a implantação do porto causou apenas uma pequena restrição nos locais de pesca, sem danos significativos para os pescadores. Como é possível que, em um distrito costeiro com mais de 200 mil habitantes, onde praticamente toda a população pobre sobrevive do plantio e da pesca, haja apenas uma centena de pescadores?

**Figura 6** – Complexo do porto da CLN. Napazo está à direita e Nachiropa a esquerda.



Fonte: Google Earth.

Durante esse processo várias famílias foram removidas de suas casas. Nos reassentamentos feitos pela CLN elas foram construídas pela empreiteira brasileira Odebrecht<sup>10</sup>. Segundo os moradores, foram construídas 55 casas em quatro reassentamentos: Moriaco, Nachiropa, Mucaia I e Mucaia II. Conforme relataram, a condição de vida nesses espaços está péssima, muito pior do que as que tinham antes (VARGAS & SOUZA, 2019b). Nenhum deles tem acesso à energia elétrica e água e as famílias se encontram muito distantes de onde moravam antes, no centro comercial do distrito. As casas construídas estão cheias de rachaduras e as chapas de zinco muito danificadas, principalmente em Mucaia I e II, reassentamentos que estão muito próximos da linha férrea, onde o fluxo intenso de comboios está causando os maiores estragos. Apesar das constantes visitas e inspeções da CLN, os problemas não são resolvidos. Muitas pessoas preferem abandonar as casas e começar a vida de novo em outro local, mui-

**8** *Vientes* é o termo empregado para se referir a moçambicanos naturais de outras províncias.

**9** A empresa Synergia Socioambiental é uma empresa especializada em prestar assessoria de avaliação e licenciamento socioambiental para mineradoras, principalmente para a Vale a nível mundial. Além disso, ela também é a empresa contratada pela Fundação Renova (Fundação criada pela Samarco, Vale e BHP Billinton) para gerir o processo de cadastramento das famílias atingidas pelo rompimento da barragem de rejeitos de Fundão, considerado o maior crime ambiental da história do Brasil (SYNERGIA SOCIOAMBIENTAL, n.d).

**10** A empreiteira brasileira Odebrecht também foi responsável por outra obra monumental no âmbito desse megaprojeto, a construção do Aeroporto Internacional de Nacala, em Nacala Porto. O aeroporto já é tido como "Elefante Branco" no País. Construído com financiamento brasileiro do BNDES, o Aeroporto de Nacala está muito próximo do Aeroporto de Nampula, que absorve todas as viagens da província, restando ao Aeroporto de Nacala funcionar com apenas duas viagens por semana e outros voos particulares da Vale-Moçambique. O processo de construção desse aeroporto está sendo amplamente questionado, tanto no Brasil, como em Moçambique. Os moradores locais relatam superfatu-

ramento e desperdício de materiais, além de atrasos durante a construção da infraestrutura.

**11** Durante o período em que estive em campo, tentei por diversas vezes conhecer o porto e conversar com a CLN, mas não me deixaram entrar. Entreguei todos os documentos exigidos e fui barrado todas as vezes. Depois de diversas ligações, consegui conversar com o Presidente Executivo, que chegou a dizer que “essas pesquisas só falam mal da CLN”. Também tentei contato por e-mail com o Diretor de Comunicação, mas as respostas nunca chegaram. Outras pessoas que fizeram pesquisa na região relatam terem passado pelos mesmos problemas (FREI, 2017).

tas vezes morando de favor ou criando dívidas em aluguéis.

Além disso, no caso dessas famílias reassentadas em locais muito próximos da linha férrea ou do virador de vagões no porto, o nível de poluição do carvão, apesar do pouco tempo de operação, já é muito preocupante. Nos reassentamentos de Mucuaia I e II, bem como na escola secundária de Nacala-a-Velha, é possível perceber que os telhados, as janelas e principalmente as quinas das construções estão impregnadas por uma fuligem de carvão.

Hoje é possível passar por Nacala-a-Velha e nem perceber que existe ali um megaprojeto tão grande como esse da Vale em operação. O distrito está parado e o único contato que as pessoas locais têm com a CLN é quando veem os trabalhadores passando de Ford Rangers ou *machimbombos*, como são chamados os ônibus (VARGAS & SOUZA, 2019a). A maior parte das pessoas não sabe para onde vai o carvão e ninguém tem muita ideia do que acontece lá dentro do porto<sup>11</sup>. Praticamente nenhum funcionário da CLN hoje vive em Nacala-a-Velha. A maior parte deles mora em casas alugadas por ela do outro lado da baía, em Nacala Porto. No final de 2017, a empresa concluiu a construção de um grande condomínio para abrigar seus funcionários, longe dos efeitos da poluição e com o conforto de estar bem perto da Praia de Fernão Veloso, principal destino turístico de Nacala Porto.

Agora já se começa a falar em Nacala-a-Velha sobre a entrada de um novo megaprojeto, a Nacala Power, uma usina de energia que pretendem construir em Nachiropa. O projeto, além da usina, prevê a construção de um novo porto em Nacala-a-Velha, na praia de Nachiropa, exatamente no local para onde os pescadores migraram depois da construção do Porto em Namurraxi. A proposta inicial era produzir energia a partir do carvão, mas usar o porto e o carvão da Vale aumentaria demasiadamente os custos, e, por isso, estão cogitando construir outro porto e usar o gás natural extraído em Palma, na província de Cabo Delgado, para reduzir os custos. Segundo a Secretaria de Meio Ambiente do distrito, a área de 500 mil hectares vai atingir apenas seis casas e a proposta é empregarem a população local e gerarem energia a baixo custo para Nacala-a-Velha e todo o norte de Moçambique.

A população de Nachiropa está muito esperançosa em relação ao início desse projeto, já que, tendo a escuridão noturna, sonham com o acesso à energia elétrica em suas casas. Ao mesmo tempo, seguem apreensivos, uma vez que este vem sendo anunciado desde 2016, mas até o final de 2018 ainda não tinha saído do papel.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história ainda continua a mesma. A chegada da Vale em Moçambique segue o mesmo comboio colonial e vai espartilhando o continente com linhas férreas, autoestradas e portos para escoar em Nacala-a-Velha a extração de carvão mineral que é feita do outro lado do país (BASSEY, 2009). Moçambique vive hoje uma nova etapa em sua longa história de exploração mineral (FREI, 2017). As recentes descobertas de combustíveis fósseis no país, com destaque para a mineração de carvão em

Tete pela Vale, Jindal e Rio Tinto vão tomando novos contornos com a recente descoberta de petróleo e gás natural na Bacia do Rovuma em Palma e também em Pemba, um dos principais destinos turísticos do país. Esse novo capítulo segue com a instalação de um novo megaprojeto sob concessão da Anadarko (Petrólífera norte-americana). Apesar de ser uma nova etapa, ela traz consigo questões muito antigas para a população de Nacala-a-Velha. Diante de todos esses problemas, as famílias começam novamente a se questionarem: afinal, “será que é realmente possível viver aqui?”.

O processo de mineração, transporte e, principalmente, escoamento do carvão mineral, apesar do pouco tempo de operação, tem criado áreas com sinais de poluição muito graves. Além da destruição da vegetação local com a implementação do megaprojeto, os efeitos produzidos durante a operação do porto já são alarmantes. Em Nachiropa, onde se encontra a maior parte das *machambas* das famílias que vivem na Sede do distrito, os níveis de poluição em apenas dois anos de funcionamento são muito preocupantes, levando em consideração que a concessão de operação do porto é de pelo menos vinte e cinco anos, renováveis por mais vinte e cinco anos. Nas palavras de Amide, como transcreve Inácio (2017, online),

*“É por isso que ele está a impedir as pessoas de entrar ali [porto da CLN]. Está a esconder segredo dele. Sendo assim, ele mentiu para nós pescadores. Disse que, nós vamos trazer motores, redes. [...] Até agora não aparece nada, não trouxeram nada, estão a mentir só. [...] Ali onde está a fazer este virador de vagões, ali não a como, todo o mangal já está queimado. Aquilo ali vai longe, apanha cerca de 60km. Tudo já está queimado. [...] Esse porto começou em 2015, imagina quando tiver 5 anos. Já não tem mais peixe, o peixe está longe, a maioria é pobre, não tem motor, vai pescar como? [...] Vai lá no mercado em algum momento, você não vai apanhar peixe”.*

A degradação ambiental em Nachiropa tem afetado a produção de comida e principalmente de cajueiros, que, segundo os moradores, já não produzem como antes. As atividades portuárias ao longo da zona costeira de Nacala-a-Velha causaram e ainda vem causando a degradação de mangues, corais e dunas costeiras que refletem significativamente na redução da quantidade de peixes, que perdem seus locais de reprodução.

É possível perceber claramente a camada de carvão nas plantas próximas ao porto, que com a umidade do ar e o intenso calor formam uma crosta espessa por cima das folhas. Os manguezais, os coqueiros e as outras plantas costeiras estão completamente secos e cobertos por uma camada grossa de carvão, que piora à medida que se aproxima do virador de vagões da CLN. Este é o cenário que se encontra hoje nas praias de Nachiropa e de Napazo, dois dos principais locais de pesca em Nacala-a-Velha.

**Figura 7** – Folha normal e as plantas em Nachiropa.



**Foto:** Iago Souza.

Diante disso, as práticas pesqueiras começaram a mudar. Os pescadores precisam ir cada vez mais longe e estão abandonando as pescas com vara e armadilhas. Os pescadores de linha, mesmo correndo riscos, continuam pescando em Namurraxi, dividindo o espaço com os estaleiros da Vale. Como conta Ussene, um deles faleceu em 2016 quando pescava próximo ao porto e foi soterrado pelo movimento da areia enquanto mergulhava (VARGAS & SOUZA, 2019a). Em 2017, outro pescador ficou com os braços e pernas completamente machucados quando foi derrubado de sua canoa pela movimentação dos navios no porto e precisou se agarrar nas estruturas, tendo o corpo cortado pelos corais, sendo salvo por outros pescadores. Para conseguirem pescar, precisam dividir a atenção entre o trabalho e a operação no porto.

Em relação à pesca de arrasto, os mais velhos relatam o surgimento de novos equipamentos, como as redes mosquiteiras e os pés de pato. Apesar de serem proibidas e criticadas por muitos pescadores, aquelas agora compõem as redes de muitas embarcações. Os pés de pato, por sua vez, vêm sendo utilizados por alguns mergulhadores para aumentarem a velocidade do nado, permitindo o controle dos peixes em maiores profundidades. Além disso, os pescadores de arrasto estão se organizando e criaram a Associação dos Pescadores de Nacala-a-Velha. O nome da associação é *Nreni Nimananihe* e poderia ser traduzido por “vamos tentar”, o que ilustra muito bem o sentimento de continuarem pescando frente aos desafios impostos pela CLN. Mesmo sem o apoio massivo dos pescadores e todas as dificuldades, a associação tem ganhado cada vez mais espaço, pautando suas questões nas discussões públicas.

À medida em que caminha a operação do porto e a proposta de novos empreendimentos portuários em Nacala-a-Velha, os pescadores vão modificando suas práticas. Apesar das correlações de forças ainda serem muito desiguais e dezenas de famílias terem perdido suas terras e casas para a construção do porto da CLN, o espaço no mar ainda está em constante disputa e os pescadores seguem aprendendo novas formas de manter suas tradições, seus modos de vida e seu sustento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA FILHO, Paulo. (2019). “Homens que jogam com peixes”: mediação técnica e relações multiespécies na pesca potiguar”. *Revista Florestan*.
- CAPELA, José. (1977). O imposto de palhota e a introdução do modo de produção capitalista nas Colônias. Porto. Afrontamento.
- CARDOSO, Justino. (2015). Nacala-a-Velha: 1976–2015, ascensão duma região flagelada pela guerra, fome e miséria. Maputo. Alcance.
- CONCEIÇÃO, António Rafael. (2006). Entre o Mar e a Terra: situações identitárias do norte de Moçambique. Maputo, Promédia.
- DIEGUES, Antônio Carlos. (1983). Formas de organização da produção pesqueira. Alguns aspectos Metodológicos. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- FREI, Vanito. (2017). No País do Mano Muça, eu sou carvão: implicações socioterritoriais dos megaprojetos de mineração nas comunidades locais da província de Nampula. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás.
- GEFFRAY, Christian. (1991). A causa das armas. Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique. Porto. Afrontamento.
- HOGUANE, Antônio. (2007). Perfil Diagnóstico da Zona Costeira de Moçambique. Universidade Eduardo Mondlane. Escola Superior de Ciências Marinhas e Costeiras. Chuabó Dembe, P.O. Box 128, Quelimane, Moçambique.
- INÁCIO, Amide. (dez. 2017). “A conversar sobre a pesca” [Entrevista concedida à Iago Vinícius Avelar Souza], Nacala-a-Velha. Disponível em <<https://soundcloud.com/iago-mocambique/inacio-amide-a-conversar-sobre-a-pesca>>.
- INGOLD, Tim. (2000). The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA-INE (2017). Anuário Estatístico. Instituto Nacional de Estatística. Censo 2017.
- INSTITUTO NACIONAL DE PESCA DE PEQUENA ESCALA – IDPPE (out. 2013). Recenseamento nacional da pesca artesanal: resultado nacional da província de Nampula.
- LATOUR, Bruno. (2012). Reagregando o social: uma introdução a teoria do ator-rede. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA.
- MARTINS, Ana Luisa; ASSUNÇÃO, Helena; OLIVEIRA, Raul (2016). “O muro e a linha: notas etnográficas em torno de uma controvérsia sociotécnica no norte de Moçambique”. *Revista Três [...] Pontos*. UFMG. v. 12: 35–46.
- MOHUGUE, Assane. (dez. 2017) “A conversar sobre a pesca” [Entrevista concedida à Iago Vinícius Avelar Souza], Nacala-a-Velha. Disponível em <<https://soundcloud.com/iago-mocambique/mohugue-assane-a-conversar-sobre-a-pesca>>.
- MUHAMAD, Issufo. (2014). Viver na Terra, Trabalhar no Mar: um estudo sobre a prática de pesca com a rede de arrasto na comunidade de Quelelene, Angoche. Maputo. UEM. Faculdade de Letras e Ciências Sociais.
- RELATÓRIO DE BALANÇO ANUAL – PESOD (dez. 2016). Relatório anual de balanço do distrito de Nacala-a-Velha. Governo de Moçambique.
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel. (2015). “Aprendizagem como gênese: prática, skill e individualização”. *Horizontes Antropológicos*. v. 21. n. 44: 109–139.

SOUZA, Iago Vinícius Avelar & MUITXS OTRXS. (2017). "O Corredor de Nacala - comboio carvão e gente no Norte de Moçambique (Estação Biblioteca Mindlin)". in: Anais da VI ReACT - Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia. São Paulo. USP.

SYNERGIA SOCIOAMBIENTAL. (mar. 2016). Nacala corridor resettlement status report for lenders. São Paulo, Brasil.

SYNERGIA SOCIOAMBIENTAL. <<http://www.synergiaconsultoria.com.br/>>. Acessado em 10 abr. 2019.

VARGAS, Eduardo & SOUZA, Iago Vinícius Avelar. (out. 2017a). "A Conversar com a Associação de Pescadores de Nacala-a-Velha". Nacala-a-Velha. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=FK7yR9JXsWE&list=PLVqoNQ2mg\\_OZI\\_b9PLoRV5Stecld2Fv3k&index=32&t=10s](https://www.youtube.com/watch?v=FK7yR9JXsWE&list=PLVqoNQ2mg_OZI_b9PLoRV5Stecld2Fv3k&index=32&t=10s)>.

..... (out. 2017b) "A Conversar com Moradores do Reassentamento de Nachiropa". Nacala-a-Velha. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=RplQDg9n0hU&list=PLVqoNQ2mg\\_OZI\\_b9PLoRV5Stecld2Fv3k&index=32](https://www.youtube.com/watch?v=RplQDg9n0hU&list=PLVqoNQ2mg_OZI_b9PLoRV5Stecld2Fv3k&index=32)>.

